

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CIÊNCIA EM HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE EDITORIAIS DA REVISTA VARIA HISTORIA (2007-2016)

Letícia Alves Vieira (UFMG)

Maria Aparecida Moura (UFMG)

THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF SCIENCE IN HISTORY: A DISCOURSE ANALYSIS OF THE EDITORIALS IN VARIA HISTORIA (2007-2016)

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O editorial como um paratexto, ou seja, um texto que acompanha e guia a leitura, foi objeto de estudo desse artigo. O objetivo foi o de apresentá-lo como um espaço de produção e interpretação de um discurso científico, geralmente, reservado aos artigos científicos, resenhas, comunicação de pesquisa em andamento, entre outros materiais. Dessa forma, escolheu-se a área de História, dentro do campo das Humanidades, representada pelo periódico *Varia Historia* do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, através do recorte temporal de 2007 a 2016. Utilizou-se como caminhos teórico-metodológicos a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso, tendo como escopo, a Teoria Semiológica de Patrick Charaudeau. Foram analisados 23 editoriais que nos proporcionou extrair diversos resultados, do ponto de vista enunciativo, argumentativo e também da construção do conceito de ciência para a disciplina História no decorrer desse período. Para esse artigo, escolhemos a face da construção do conceito de ciência e, portanto, da construção da narrativa científica para apresentação e discussão. Em síntese, com a análise dos editoriais, foi possível compreender o potencial desse novo objeto como instância político-científica e o fazer científico de um domínio de conhecimento. O modelo de combinação teórico-metodológica, entre Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso, e um novo objeto - o editorial científico – mostrou-se profícuo para a compreensão dos elementos discursivos presentes nos editoriais, desvelando o conceito de ciência construído segundo as discussões acerca da neutralidade da própria ciência, a construção do saber acadêmico e suas relações com os saberes leigos, a política como assunto histórico, e, por fim, a preocupação com a internacionalização do periódico, e a circulação do conhecimento científico em História.

Palavras-Chave: Análise do discurso; Comunicação científica; Editorial; Narrativa científica; Periódico científico.

Abstract: The editorial as a paratext, i.e. a text acting as a companion and guide to reading, is the object of study in this research. It intends to present the editorial as field of production and interpretation of scientific discourse which is typically restricted to scientific papers, reviews, research report, among

others. For this purpose, the area of History as part of the Humanities field was chosen with focus on the journal *Varia Historia* published by the Department of History at the Faculty of Philosophy and Human Sciences of the Universidade Federal de Minas Gerais, between 2007 and 2016. In theoretical and methodological terms, a Content Analysis was performed in order to organize the corpus which was studied through Discourse Analysis in the scope of Patrick Charaudeau's Semiolinguistics theory. This research seeks to analyze the main discursive and argumentative strategies in the editorials of *Varia Historia*, a journal of national and international relevance. The analysis of twenty-three editorials led to a diversity of results from the points of view of enunciation and argumentation as well as the construction of the concept of science in History during this period. This article focuses on the construction of the concept of science and, therefore, on the construction of scientific narrative for presentation and discussion. In sum, by the analysis of the editorials it was possible to understand the object's potential as a political-scientific instance and a scientific practice inside a specific field of knowledge. A fruitful theoretical and methodological combination between Discourse Analysis, Content Analysis and a new object — the scientific editorial — enabled the comprehension of discursive elements in the editorials. They unveil the establishment of the concept of science in accordance with discussions concerning scientific neutrality, construction of academic knowledge and its relations to lay knowledge, politics as a historical subject and, at last, the dissemination of knowledge in History.

Keywords: Discourse Analysis; Scientific communication; Editorials; Scientific narrative; Scientific journal.

1 INTRODUÇÃO

A história da comunicação científica se confunde com o início do periodismo. Se o começo da divulgação dos feitos científicos se dava através de conversas informais, de cartas escritas e endereçadas aos interessados, passando pela leitura de relatórios de viagens nas sociedades científicas do século XVII, as mesmas que lado a lado estiveram presentes na criação do periódico científico, trazem possibilidade variadas de pesquisas.

Dessa forma, trataremos nesse artigo, de um dos elementos constituintes do periódico científico - o editorial. Esse texto ou paratexto é aquele que acompanha o texto principal e tem como finalidade, a orientação do leitor, é o nosso objeto de estudo.

O objetivo do presente artigo é apresentar o editorial como um espaço de produção e interpretação de um discurso científico, que se pensava estar somente nos artigos de periódico, resenhas de livros, revisões de literatura, pesquisas concluídas, além de outros textos, como os de pesquisas em andamento, e ainda aqueles que discutem teorias e/ou metodologias. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se um *corpus*, composto de 23 editoriais de um periódico da área de História.

O artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: **Editorial como gênero discursivo**, apresenta o editorial como um gênero do discurso e como é tratado dentro da Análise do Discurso; **Organização do discurso** traz a teoria utilizada na discussão dos modos de

organização do discurso propostas por Charaudeau (2009) que é a base de nosso estudo; em seguida, **O Editorial, o Discurso e a Construção do conceito de ciência em História**, traz o editorial como o objeto de análise, e o entrelaçamento com o discurso e conseqüentemente a construção do conceito de ciência em História, apresentando o corpus e a discussão dos resultados, e, por fim, as **Considerações finais**, onde são destacados os resultados encontrados.

2 O EDITORIAL COMO GÊNERO DISCURSIVO

Se o editorial em sua forma geral se apresenta como um texto de abertura, no qual há uma opinião do editor que representa a instituição que o abriga, o editorial científico se difere dos demais. O editorial de um periódico científico além de ser um texto de abertura, traz como fio condutor, a exposição do conteúdo do fascículo com pequenos resumos das principais ideias ali veiculadas, visto que mesmo que um número tenha artigos livres, eles estão conectados entre si de alguma forma pela lente da política editorial. Dessa forma, o editorial pode ser compreendido como um gênero discursivo, pois o mesmo pode abrigar em seu bojo questões de fundo epistemológico, ideológico e em nosso caso, discussões e/ou reflexões científicas.

Em continuidade às reflexões e definições acerca do gênero, devemos nos lembrar que para a área de Análise do Discurso, o estudo dos gêneros não é algo recente. Segundo Marscuschi (2008), os estudos sobre gêneros textuais não são novos, e datam de mais de 25 anos. Em Aristóteles (2015), gênero se define mediante sua finalidade e compreende três elementos importantes: o orador, o assunto de que se fala e o ouvinte.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros do discurso devem ser vistos de forma composicional, conforme constata-se a seguir:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e a finalidade de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

De acordo com Bakhtin (1997), que fala a respeito da estabilidade dos enunciados, temos no texto escrito, e, no caso deste artigo, os editoriais, uma forma estável e, por conseguinte, não estão sujeitos a intervenções externas de caráter interacional como no caso dos textos orais.

Por outro lado, Maingueneau (2004) situa a sua definição de gênero discursivo segundo vários de seus estudos. O autor classificou os gêneros discursivos em três grandes categorias: i) os gêneros autorais, ii) os rotineiros, iii) os conversacionais.

Quadro 1 - Síntese dos gêneros discursivos segundo Maingueneau (2004)

	Gêneros Autorais	Gêneros Rotineiros	Gêneros Conversacionais
Conceituação	Determinados pelo próprio autor ou editor.	Os papéis dos parceiros da ação comunicativa são geralmente imutáveis.	Como o próprio nome diz, é conversacional. Não tem um discurso pré-estabelecido.
Exemplos	Peças publicitárias Jornalismo Editoriais	Revistas Literatura Jornais	Conversas Informais

Fonte: elaborado pelas autoras, 2017.

O que nos interessa, neste trabalho, está situado no regime de gêneros instituídos, o qual Maingueneau (2004) subdivide em quatro modos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 - Síntese dos gêneros instituídos conforme Maingueneau (2004)

GÊNEROS INSTITUÍDOS				
	Modo I	Modo II	Modo III	Modo IV
Conceituação	Não estão sujeitos a variações.	Produto de textos individualizados. Seguem normas de comunicação.	Não existe uma cenografia preferencial.	Os propriamente autorais. Autor individualizado construído através de uma enunciação.
Exemplos	Correspondências comerciais Registros de cartórios	Jornais televisivos Guias de viagem	Publicidade Programas de televisão	Biografias Editoriais

Fonte: elaborado pelas autoras, 2017.

Nota: os gêneros instituídos reagrupam os gêneros rotineiros e os conversacionais.

No modo IV se situa o gênero instituído ao qual se dedicou especial atenção no âmbito deste trabalho, que, em no nosso caso, é o discurso científico presente no gênero discursivo editorial.

Percebe -se, por analogia, que entre esses autores individualizados pode figurar o editor do periódico - o que escreve o editorial.

Com esse propósito, tomou-se por referência as noções de gênero discursivo presentes na obra de Maingueneau, precisamente o do ano de 2004 e Charaudeau (2009), visto que essas duas correntes se complementam.

Charaudeau (2001) vê, no conceito de ancoragem social, a questão fundante dos gêneros discursivos. Esses gêneros estão vinculados a diferentes práticas sociais instauradas na sociedade. Por meio desse ponto de apoio, verificam-se as ligações entre os atores languageiros, que promovem a troca verbal. Sem essa ancoragem seria impossível. E é baseando-se nesse contexto que temos uma problemática instaurada, a dos campos de sentido de Bourdieu (2003)¹, mas Charaudeau (2001) prefere denominar de “domínios de práticas languageiras”. No interior dessas práticas inserem-se as relações simbólicas entre os atores envolvidos na situação de comunicação. Aqui, constata-se a importância do contexto social e da carga socioideológica como importante elemento na instauração de um processo discursivo, segundo a ideia de gênero discursivo para o autor.

E, para acrescentar, incorporou-se Marcuschi (2008), que alarga as dimensões sobre gêneros ao ampliar a noção discursiva. O autor sintetiza sua ideia em um quadro denominado “Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades”. Para efeito desse artigo pesquisa, sintetizou-se esse quadro com a conceituação e qualificação dos domínios discursivos gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades que necessários à análise.

¹ Bourdieu trata o campo científico como um lugar de disputas e sem neutralidade. BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olhos d'Água, 2003. cap. 4, p. 112-143.

QUADRO 3 - Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades

Domínios Discursivos	Modalidades de uso da língua	
	Escrita	Oralidade
Instrucional (científico, acadêmico e educacional)	Artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de conferência; resenhas; epígrafe.	Conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas.
Jornalístico	Editoriais; artigos de opinião; carta ao leitor; notícias.	Entrevistas; discussões; debates; notícias.

Fonte: adaptado de Marcuschi, 2008, p.195-196.

Apresentado o editorial como um novo gênero discursivo no âmbito da Análise de Discurso, se faz necessário elencar o modo como Charaudeau (2009) organiza o discurso, através da Teoria Semiolinguística. Todavia, devido ao escopo do artigo, será apresentada uma síntese desses quatro modos - Enunciativo, Narrativo, Descritivo e Argumentativo - com ênfase nos modos Enunciativo e Argumentativo.

Charaudeau (2009) apresenta em seu estudo, questões referentes à problemática semiolinguística do discurso. Para alcançar esse objetivo, o autor elenca os problemas que são ligados à abordagem na análise do discurso. Para tanto, enfatiza e que não fará uma história das teorias linguísticas, mas tratará do discurso com base no campo da linguagem. Para tanto, refere-se à questão do ato de linguagem como encenação e, em seguida, trata dos modos de organização do discurso. O autor trabalha com quatro modos de organização, sendo eles: modo de organização enunciativo, modo de organização descritivo, modo de organização narrativo e o modo de organização argumentativo. Cada um deles possui uma função de base e um princípio de organização.

Para a função de base, a correspondência diz respeito à finalidade do projeto de fala do locutor, a saber: “O que é enunciar? O que é descrever? O que é contar? O que é argumentar?” (CHARAUDEAU, 2009, p.74).

O princípio de organização é duplo para os modos de organização descritivo, narrativo e argumentativo e, ao mesmo tempo, propõe uma disposição do mundo referencial, resultando em lógicas de construção (descritiva, narrativa, argumentativa) e uma organização da encenação (descritiva, narrativa, argumentativa). É importante ressaltar que o modo de organização enunciativo possui uma função bem particular na organização do discurso, uma vez que ele comanda os demais - a vocação dele é dar conta da posição do locutor com relação ao seu interlocutor, segundo Charaudeau (2009).

Charaudeau (2009, p.75 e 79) afirma que os modos de discurso que têm predominância nos editoriais são o descritivo e o argumentativo. A seguir, apresentamos sucintas considerações acerca dos modos de organização do discurso.

3.1 Modo de organização descritivo

Os componentes do modo de organização descritivo são três, autônomos e indissociáveis: nomear, localizar-situar e qualificar. Quanto a elementos científicos, a organização de um discurso, com base no modo descritivo, traz-nos alguns pontos a serem pensados. O primeiro é que esse modo se mistura entre descrever e narrar. Em um texto científico, o elemento descritivo, por exemplo, é localizado no tópico de descrição da pesquisa, ao passo, que o narrativo, estaria relacionado a contar como a pesquisa foi realizada.

Mesmo com a imbricação desses dois pontos, nada impede considerarmos, no descritivo e no narrativo, suas respectivas especificidades. Nesse caso, o modo descritivo se refere a um procedimento discursivo, e a descrição como um resultado deste. O Descritivo detém, segundo Charaudeau (2009), o mesmo estatuto do Narrativo e do Argumentativo. É importante salientar que o modo descritivo pode intervir tanto em textos literários quanto não literários.

3.1.2 Modo de organização narrativo

O modo de organização narrativo se difere do descritivo pelo fato de este ser mais dinâmico que aquele. É híbrido, porque utiliza tanto um quanto o outro para formular o discurso.

Esse modo de organização nos leva ao conhecimento de um mundo que é construído e balizado pelo desenrolar de ações que se coordenam umas às outras, formando um encadeamento progressivo, que possui dupla articulação: i) a organização da lógica; ii) a

encenação narrativa. Essa articulação permite a construção da organização de um discurso do tipo narrativo. Na organização da encenação narrativa, por exemplo, o enunciador trata da forma como o narrador e o leitor serão compreendidos durante a narrativa. A organização da lógica narrativa, por meio dos seus actantes, processos e sequências é responsável pela construção da trama de uma história. Nesse caso, supõe-se que haja o despojamento das particularidades semânticas que o enredo carrega.

Por essa perspectiva, Charaudeau (2009) nos esclarece que o narrador não é uma questão interna do texto e, sim, uma parte de algo mais complexo, o processo de encenação da linguagem, que se dá por meio da troca entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante.

3.1.3 Modo de organização enunciativo

O modo de organização enunciativo está conectado e focado nos protagonistas, que são os seres de fala internos à linguagem, diferentemente da situação de comunicação, na qual há os parceiros da linguagem (seres externos à linguagem).

Charaudeau (2009) também ressalta que não podemos confundir esse modo com a modalização do discurso, que é uma categoria da língua que reúne todos os procedimentos no sentido estrito linguístico e que irá permitir a explicitação do ponto de vista do locutor. Assim, o enunciativo é “uma categoria de discurso que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação” (p.81).

Além disso, esse modo possui como função de base a relação de influência (Eu – Tu); Ponto de vista do sujeito (Eu – Ele) e a Retomada do que já foi dito – Ele. No princípio de organização reflete a posição em relação ao interlocutor, em relação ao mundo e em relação a outros discursos. Portanto, enunciar “se refere ao fenômeno que consiste em organizar as *categorias da língua*, ordenando-as de forma que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele diz e em relação ao que o outro diz.” (CHARAUDEAU, 2009, p.82).

Distinguimos, assim, três funções do Modo Enunciativo: (a) estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor - comportamento Alocutivo; (b) revelar o ponto de vista do locutor – comportamento Elocutivo e (c) retomar a fala de um terceiro – comportamento Delocutivo.

Passamos agora à especificação de cada ato locutivo a fim de compreendermos melhor a função desse modo de organização do discurso na cena enunciativa. No ato alocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao seu interlocutor. Nesse ato, o sujeito falante atribui papéis linguageiros tanto para si quanto para seu interlocutor. Geralmente, essa enunciação do locutor o coloca em posição de superioridade em relação ao seu interlocutor. É o caso da Interrogação e da Petição, por exemplo.

O ato elocutivo é marcado pela relação do locutor consigo mesmo. Nesse ato, o sujeito falante enuncia o seu ponto de vista sobre o mundo, sem que necessariamente o interlocutor esteja envolvido nessa tomada de posição.

Finalmente, no ato delocutivo o locutor desaparece no ato de enunciação e não implica nesse momento o seu interlocutor. Assim, temos a impessoalidade: o locutor relata o que o outro diz e como o outro diz. Apresenta-se o que seria o *discurso relatado*.

Para Charaudeau (2009), no discurso relatado tudo depende da posição dos interlocutores, das maneiras de se relatar esse discurso já enunciado e também da descrição dos modos de enunciação de origem. O discurso relatado pode ser citado, integrado, narrativizado e evocado. Nos dois primeiros tipos, tem-se o que a gramática denomina como discurso direto e indireto. No narrativizado, há o desaparecimento por completo do discurso de origem ou a sua total integração ao novo discurso. Por fim, no evocado ou alusivo, há a referência ao retorno de algum dado do discurso de origem: a maneira de falar do locutor original, geralmente vem entre aspas ou travessões.

3.1.4 Modo de organização argumentativo

O modo de organização argumentativo é o mais complexo de ser tratado se compararmos ao modo narrativo. Em sua proposta crítica do modo argumentativo, Charaudeau (2009, p.201) afirma que “o argumentativo, ao contrário, está em contato apenas com um saber que tenta levar em conta a experiência humana, através de certas operações do pensamento”. O autor explica-nos que, o modo narrativo leva em conta as ações humanas e as confronta com uma forma de realidade que é visível e tangível, diferindo-se do argumentativo.

Ainda segundo o autor, a argumentação não deve ser limitada a uma sequência de frases ou, ainda, de proposições ligadas por conectores lógicos, mas deve expressar no discurso, o que esteja implícito ou explícito. Para que haja a argumentação, é preciso existir

uma proposta com relação a determinado tema e também uma provocação, que gerará um questionamento, somando-se a um sujeito que se engajará em uma proposição, e também a outro sujeito que esteja relacionado com a mesma proposta inicial, mas também com o questionamento e verdade, sendo assim o alvo da argumentação.

Nesse sentido, na argumentação ocorre, se houver: (a) uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento quanto à sua legitimidade; (b) um sujeito que se engajará em nesse questionamento (daí deriva-se a convicção), e, com isso, desenvolva um raciocínio com o objetivo de estabelecer uma verdade quanto a essa proposta e (c) outro sujeito que, ao ser relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitui o alvo da argumentação. A argumentação se define em uma relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo. Nesse cenário, o sujeito argumentante se dirigirá ao sujeito alvo e, em tese, o induzirá a compartilhar do mesmo pensamento (persuasão), sabendo, portanto, que esse sujeito alvo poderá ou não aceitar a argumentação que foi construída (CHARAUDEAU, 2009, p.205-206).

O modo de organização argumentativo “tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo numa dupla perspectiva de *razão*: i) a *razão demonstrativa*; ii) a *razão persuasiva*” (p.207).

A razão demonstrativa se baseia no mecanismo que busca estabelecer relações de causalidade diversas. As relações entre essas asserções constituem a organização da lógica argumentativa. Já a razão persuasiva se baseia em um mecanismo que busca estabelecer a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas a respeito do mundo. As relações de causalidade unirão as asserções umas às outras.

Conforme preconiza Charaudeau (2009), argumentar é uma atividade discursiva e, do ponto de vista do sujeito argumentante, há uma dupla busca: i) a busca pela racionalidade pela qual se objetiva um ideal de verdade na explicação de fenômenos do universo; ii) a busca pela influência, que se refere a um ideal de persuasão que, nesse caso, consiste em compartilhar com outrem certo universo de discurso, até que o seu interlocutor tenha as mesmas propostas (sujeito argumentante).

Após conhecermos os modos de organização do discurso, salientamos, devido às suas configurações e características próprias, que nos interessa para esta pesquisa, os modos enunciativo e argumentativo do discurso.

Essa distinção e escolha estão pautadas na composição desses dois modos de organização. No modo enunciativo temos componentes e procedimentos da construção enunciativa e, também os procedimentos linguísticos, os quais estão presentes nessa construção, representada pelas categorias modais.

Já no modo de organização argumentativo, há uma composição da lógica argumentativa e sua encenação. Para isso, temos de considerar que o modo argumentativo se define por meio de uma relação triangular entre sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo (CHARAUDEAU, 2009, p.205).

4 O EDITORIAL, O DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CIÊNCIA EM HISTÓRIA

Não há uma data precisa para o surgimento do editorial como elemento constituinte dos fascículos de periódico. Observa-se a partir dos dois periódicos históricos - *Journal des savants* e *Philosophical Transactions* - que esse elemento não estava presente em seus primeiros números, mas alguns textos iniciais cumpriam uma das funções desse texto inaugural. Os textos inaugurais eram cartas aos leitores e apresentações em geral acerca do conteúdo daquele fascículo. Nas publicações brasileiras, podemos inferir que o editorial começa a compor os periódicos científicos a partir do século 20, pois anteriormente, como no caso de um dos periódicos mais antigos do Brasil, o *Sciencia para o povo* (1881) trazia em suas páginas preliminares um texto denominado Prospecto, provavelmente o embrião dos editoriais, como conhecemos hoje.

O editorial como espaço de produção e também de interpretação do discurso, tornou-se, portanto, uma seara fecunda para identificação das formações discursivas expostas pela fala do editor, bem como a análise da construção da narrativa científica, e compreensão da construção do conceito de ciência nas narrativas presentes nesses editoriais. Em nossa pesquisa, a área de História, representada pelo periódico *Varia Historia* nos permitiu analisar as principais estratégias discursivas e argumentativas veiculadas pelos discursos contidos nos editoriais publicados no recorte temporal, que compreende o período de 2007 a 2016².

² A análise completa do *corpus* do ponto de vista argumentativo e enunciativo está contemplada na tese: A construção da narrativa científica nas Ciências Humanas: análise discursiva de editoriais da revista *Varia Historia* (2007 – 2016), defendida em Julho de 2017, junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/PPGCI/UFMG).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Para a realização da pesquisa, os caminhos metodológicos, compreenderam os seguintes passos: escolhemos a área de conhecimento - a disciplina História. A escolha se baseou em dois pilares: por ser uma disciplina do campo das Humanidades, já que o primeiro periódico surge nessa área, e por ser uma área correlata à Ciência da Informação. Quanto à escolha do periódico, após um levantamento no Qualis Capes de Periódicos, data base de avaliação 2015 e extratos A1 e A2, somente de revistas brasileiras, em um universo de aproximadamente 62 revistas, a *Varia Historia* foi selecionada por estar no extrato A1, e ser avaliada na área de História, apesar de contemplar publicações tanto da História quanto da Filosofia. Está indexada nos seguintes indexadores: Latindex, DOAJ, LiVre!, Redalyc, SciELO, Web of Science (SciELOCitation Index), Historical Abstracts with Full Text, Fonte Acadêmica (EBSCOhost) e Scopus. O *corpus* foi numerado sequencialmente, do 1 ao 23, seguindo os anos de 2007 a 2016, conforme apresentado no **APÊNDICE A**.

O referido material foi analisado com base na Análise de Conteúdo (AC), posteriormente pela Análise de Discurso (AD) com base na Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, que nos proporcionou extrair diversos resultados, do ponto de vista enunciativo, argumentativo e também da construção do conceito de ciência para a disciplina História no decorrer desse período. Para esse artigo, escolhemos a face da construção do conceito de ciência e, portanto, da construção da narrativa científica para apresentação e discussão.

4.1 Construção do conceito de ciência por meio das narrativas nos editoriais de 2007 a 2016

Existem diversos conceitos para ciência, mas nos ateremos aqui, ao extraído do Dicionário de Conceitos Históricos, que descreve, textualmente, o que os autores da área de História, consideram por verbete ciência.

Para Silva e Silva (2010, p.55), ciência:

[...] pode ser entendida tanto como processo de investigação para se chegar ao conhecimento quanto como o conjunto de conhecimentos construído com base na observação empírica do meio natural e social, que tem como finalidade fornecer fundamentos que permitam à humanidade viver mais e melhor no mundo que a cerca.

Diante dessa afirmação, sistematizamos a construção do conceito de ciência na área de História, no decorrer dos editoriais selecionados no período de 2007 a 2016. Mediante a

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

percepção do que é ciência para o campo histórico, como surge e se consolida ao longo do tempo, nesse recorte.

Quadro 4 - Construção do conceito de ciência nos editoriais de *Varia Historia* - 2007 a 2016

Construção do conceito de ciência nos editoriais de <i>Varia Historia</i> – 2007 a 2016			
Ano	Trechos	Editoriais	Verificação
2007	16 e 17	01 e 02	Neutralidade da ciência, uso da técnica, objetividade, fortalecimento da área de estudos da História das Américas no Brasil, colaboração dos pesquisadores para o tema em questão.
2008	18 e 19	03 e 04	Estudo da diversidade social-histórica, reflexão e construção do diálogo entre várias disciplinas, relações entre história e natureza, aspectos visíveis e invisíveis da arte e história.
2009	20 e 21	05 e 06	Construção do saber acadêmico e suas relações com os saberes leigos, articulação entre medicina-Estado-sociedade, profissionalização no campo da saúde, construção do saber científico.
2010	22 e 23	07 e 08	Novas perspectivas para o estudo da história medieval (novas fontes), saúde e história, estabelecimento de um vínculo entre conhecimentos científicos e ideologias políticas.
2011	24 e 25	09 e 10	Estudos dos temas política, república, cultura e patrimônio através da história.
2012	26 e 27	11 e 12	Inteligência e história como pesquisa acadêmica
2013	28 e 29	13 e 14	O periódico como instância de produção científica e discursiva, a reestruturação do periódico <i>Varia Historia</i> , a História como ciência, colaboração internacional.
2014	30 e 31	15, 16 e 17	A política como assunto histórico (o estudo da direita), os intelectuais e a história na América Latina como campo de investigação.
2015	1 a 8	18, 19 e 20	Resgate da trajetória do periódico, o papel da escrita na história, a história como ciência, construção das narrativas históricas, o papel dos periódicos na consolidação e avanço científicos.
2016	9 a 15	21, 22 e 23	Preocupação com a internacionalização do periódico, circulação do conhecimento científico em história e melhoria na qualidade dos resumos/abstracts.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

A construção do conceito de ciência, pelas narrativas presentes nos editoriais, perpassou pela reflexão acerca da técnica, da neutralidade da própria ciência e do fortalecimento de algumas áreas de estudos que pareciam estar relegadas a segundo plano, como por exemplo, o estudo da direita política, das Américas e da América Latina, e também, da inteligência como campo de estudo.

Tem-se, também, abertura a novas técnicas e a novos olhares para objetos de pesquisa já conhecidos como a História e a escravidão. Porém, o que mais se destaca e aparece em maior número e em sua maioria nos editoriais mais recentes é a questão centrada no periódico, tanto no aspecto de formatação de uma revista científica quanto em sua função como instância de produção e circulação do conhecimento produzido em História. Temos pontos importantes de preocupação demonstrada pela editoria no que se refere à qualidade dos resumos, da escrita em História e da circulação desse conhecimento produzido, estabelecendo, assim, diretrizes importantes na aceitação dos artigos submetidos ao periódico.

Essas ações impactam diretamente na condução de pesquisas da área e em sua posterior divulgação, visto que, mediante a padronização desses elementos, um pesquisador não teria estranhamento ao ver um periódico nacional e um periódico internacional. Desse modo, o *modus operandi* científico torna-se normatizado e abrangente.

A utilização do espaço do editorial, que geralmente é um acordo tácito entre editor e leitor, foi um espaço de reflexão e discussão para além da formalidade de apresentação do fascículo publicado. Segundo os argumentos utilizados de qualidade, internacionalização, ciência, dentre outros a editoria, ao longo dos anos, conseguiu sensibilizar tanto os leitores quanto os autores e pareceristas para a importância desse veículo de comunicação científica, colocando *Varia Historia* em um importante patamar de disseminação do conhecimento histórico produzido no Brasil, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), como uma importante referência para a área.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O periódico científico é um elemento central na comunicação da ciência e espaço privilegiado de reflexões compostas pelos argumentos e discursos cruciais para o fazer científico, por meio de seus artigos, e outros documentos ali expressos. Ele faz parte das

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

diversas instâncias de emergências discursivas no âmbito científico, representadas por revistas científicas, eventos acadêmicos, associações científicas, dentre outros espaços que compõem um domínio de conhecimento.

Podemos considerar que o editorial é um objeto de instância política, que nos permitiu compreender o fazer científico em um domínio de conhecimento. Nesse espaço, a fala do editor não se resumiu à apresentação do fascículo e de seus artigos publicados. Essa instância discursiva foi utilizada com o objetivo de legitimar o campo da História como ciência, orientar a respeito da ética em publicações e coordenar as publicações com base na área de pesquisa na qual o editor tinha experiência, desenhando, assim, uma linha editorial para aquele período.

No que se refere ao papel do editor no processo da editoria, foi possível constatar que a linha editorial do periódico se mantinha conexa às áreas de pesquisa dos editores daquele período, o que demonstra uma inclinação dos temas publicados, dossiês temáticos relacionados à área de atuação do editor.

Inferem-se, dessa questão, duas razões: a primeira se deve à familiaridade com o tema e com isso a escolha de pareceristas para aquele fascículo seria mais exata; e a segunda poderia residir no fato de a demarcação de pesquisas se inserir na comunidade científica daquele campo. Essas marcações só puderam ser vislumbradas, primeiramente, após a realização de uma Análise de Conteúdo, com a organização do corpus e a análise categorial temática dos editoriais. E em seguida, com a Análise de Discurso utilizando a Teoria Semiológica de Charaudeau (2009), focando nos modos de organização argumentativo e enunciativo.

Os caminhos metodológicos escolhidos nos possibilitaram compreender a dinâmica das narrativas empreendidas nos editoriais, bem como a organização argumentativa do discurso científico.

No campo da comunicação científica, a possibilidade de identificar formações discursivas em editoriais, ao analisar a construção da narrativa científica para uma área de conhecimento, fornece subsídios para pensar o periódico como um espaço não somente da veiculação dos discursos oriundos dos resultados de pesquisa, das resenhas dos livros recém-publicados, e de outros documentos; mas também como um conjunto de narrativas

delimitadoras de um domínio científico por um caráter político-científico, que auxilia na construção de um conceito de ciência para aquele campo do saber.

Esse modelo de combinação teórico-metodológica, entre AC e AD, e um novo objeto - o editorial científico - mostrou-se profícuo para a compreensão dos elementos discursivos presentes nos editoriais. Desvelou o conceito de ciência construído com base nas discussões acerca da neutralidade da própria ciência, da construção do saber acadêmico e suas relações com os saberes leigos, a política como assunto histórico, culminando na preocupação com a internacionalização do periódico, e a circulação do conhecimento científico em História.

Diante dessas constatações, o presente estudo contribui significativamente para a compreensão do fazer científico baseando-se nas reflexões contidas em editoriais de periódicos, podendo ser replicada para quaisquer áreas de conhecimento com o objetivo de conhecer e compreender a estruturação do discurso científico da área estudada, como também da construção dessa narrativa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015. (Coleção Folha Grandes Nomes do Pensamento, volume 1).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich Os gêneros do discurso In: _____. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 278-326.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olhos d'Água, 2003. cap. 4, p. 112-143.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle. **Analyse des discours. Types et genres**. Éd. Universitaires du Sud, Toulouse, 2001. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visees-discursives-genres,83.html> Acesso em 17 jul. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (Orgs.) **Gêneros**: reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. cap.2, p. 43-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

APENDICE A – CORPUS – EDITORIAIS DA REVISTA VARIA HISTORIA (2007-2016)

NÚMERO DO EDITORIAL	ANO	VOLUME	NÚMERO	TÍTULO DO FASCÍCULO/DOSSIÊ TEMÁTICO
01	2007	23	37	Dossiê: A história dos velhos mapas
02	2007	23	38	Dossiê: História das Américas
03	2008	24	39	Dossiê: História Ambiental e Cultura da Natureza
04	2008	24	40	Dossiê: História da Arte
05	2009	25	41	Dossiê: Imagens: escravidão, mestiçagens
06	2009	25	42	Dossiê: Influenza Espanhola
07	2010	26	43	Dossiê: História Medieval: fontes e historiografia
08	2010	26	44	Dossiê: História, ciência e saúde
09	2011	27	45	Dossiê: Republicanismo no Brasil do século XIX
10	2011	27	46	Dossiê: Elementos materiais da cultura e patrimônio
11	2012	28	47	Dossiê: História e Inteligência
12	2012	28	48	Dossiê: Relações civis militares e Segurança Nacional
13	2013	29	49	Multitemático
14	2013	29	51	Dossiê: Nações, Comércio e Trabalho na África Atlântida
15	2014	30	52	Dossiê: As Direitas na História
16	2014	30	53	Dossiê: Educação e História
17	2014	30	54	Dossiê: Intelectuais e circulação de ideias na América Latina
18	2015	31	55	Dossiê: Por uma nova história da Igreja Medieval
19	2015	31	56	Dossiê: Historiografia e História Intelectual
20	2015	31	57	Multitemático
21	2016	32	58	Dossiê: Culturas alimentares, práticas e artefatos
22	2016	32	59	Dossiê: História e teatro no Brasil pós-64
23	2016	32	60	Dossiê: Arte e ciência, um processo operativo